



O cicloturismo, o jornalismo e a midiatização das narrativas de bicicleta

Demétrio de Azeredo Soster

Resumo: Observa-se como a midiatização afeta as narrativas de viagens, em particular as que são realizadas de bicicleta; que se enquadram, portanto, na categoria cicloturismo e que nos referiremos, doravante, como “narrativas de bicicleta”. Narrativas de viagens são relatos ficcionais, não ficcionais e mistos (MARTINEZ, 2012) realizados com o objetivo de descrever viagens com os mais diferentes fins (aventura, auto-conhecimento, pesquisa etc.). Por cicloturismo compreenderemos o turismo que é realizado tendo a bicicleta como meio de transporte. (CAVALLARI, 2012). Consideraremos “narrativas de bicicleta” os relatos, textuais, imagéticos ou sonoros, estruturados a partir de viagens de bicicleta, portanto fáticos, com fins turísticos ou de entretenimento. Partimos do pressuposto que a midiatização reconfigura este modelo de narrativa a partir de um complexo “trabalho discursivo de midiatização” (FAUSTO NETO, 2012), midiatizando-o. Estamos nos referindo a relatos de natureza jornalística nos moldes do que faziam jornalistas aventureiros como Jack London e Jon Krakauer, entre outros, usualmente no formato de crônicas e publicados em revistas e livros; em nosso caso, em sites, redes sociais, jornais etc., em que as narrativas são complexificadas pela processualidade da midiatização. A abordagem metodológica será qualitativa, nos moldes de Demo (2000).

Palavras-chave: Midiatização; Jornalismo; Narrativas; Narrativas de bicicleta; Narrativas de viagem; Cicloturismo

1. Primeiros movimentos

Este artigo parte do pressuposto, no rastro de uma tradição narrativa inaugurada por jornalistas-aventureiros como Jack London, Jon Krakauer, entre outros, que, nos dias que seguem, a midiatização afeta processualmente as narrativas de viagens, em particular as que são realizadas de bicicleta; que se enquadram, portanto, na categoria cicloturismo e que nos referiremos, doravante, como “narrativas de bicicleta”. Narrativas de viagens são relatos ficcionais, não ficcionais e mistos (MARTINEZ, 2012) realizados

com o objetivo de descrever viagens com os mais diferentes fins (aventura, autoconhecimento, pesquisa etc.). Por cicloturismo compreenderemos o turismo que é realizado tendo a bicicleta como meio de transporte. (CAVALLARI, 2012). “Narrativas de bicicleta” são, neste sentido, os relatos, textuais, imagéticos ou sonoros, estruturados a partir de viagens de bicicleta, portanto fáticos, com fins turísticos ou de entretenimento.

A midiatização das narrativas de bicicleta pode ser percebida, por exemplo, quando um cicloturista, ao se preparar para uma viagem, preocupa-se tanto com os equipamentos que levará em sua ciclovagem como com o que irá utilizar para registrar seu percurso e aventuras vividas. Dito de outro modo, tão importante quanto a aventura a é o registro da mesma e sua divulgação, como faziam os primeiros jornalistas-aventureiros, mas com uma diferença: dispositivos como sites, blogs, redes sociais, tecnologias móveis e outros reconfiguram toda uma ecologia comunicacional, reduzindo em muito o tempo do vivo, seu registro e difusão.

É, dizer, por outras palavras, que a midiatização das narrativas de bicicleta, na perspectiva que estamos propondo observar, ganha relevo diferenciado quando considerada em sua relação com a internet, em particular a web¹. Tem-se, aqui, quem sabe, uma substancial complexificação na forma de acesso dos atores àquilo que Verón (2013) chamou de “discursividade midiática”. É o que se observa, por exemplo, quando um relato do que deveria ser apenas uma ciclovagem de bicicleta traz consigo marcas que sugerem que ele foi pensando para “circular” na web, interferindo em toda a estrutura discursiva dos enunciados.

Partimos do pressuposto que isso ocorre porque a midiatização reconfigura este modelo de narrativa a partir de um complexo “trabalho discursivo de midiatização” (FAUSTO NETO, 2012), midiatizando-o. A midiatização será aqui compreendida como a) movimento em que a tecnologia é intercalada entre o sujeito e a ação que realiza, mas, também, b) como uma mudança na forma como a sociedade dialoga com ela mesma (BRAGA, 2012). Estudar as múltiplas semioses que se estabelecem nesta processualidade implica admitir, portanto, desde agora, que:

¹ Web como sinônimo de world wide web, ou, ainda, www.

1) estamos diante de um problema de circulação; ou seja, de sentidos que emergem da geração de diferenças entre gramáticas de produção e reconhecimento (VERON, 2004, p. 53)

e

2) que estas diferenças podem ser identificadas pelo viés de marcas não homogêneas (VERON, 1980, 2004) distribuídas na superfície dos objetos analisados na forma de operações linguísticas, à revelia de seu formato (texto, imagem, imagem em movimento etc.).

Importante salientar que nossa perspectiva se insere naquilo que Onfray (2015) categorizou como uma teoria da viagem, que alcançamos pelo viés das narrativas. “Todos os viajantes narram suas peregrinações em cartas, cadernos, relatos” (2015, p. 31), ainda que estes recortes sejam pouco diante da realidade. “Entre a ausência de vestígios e seu excesso, a fixação dos instantes fortes e raros transforma o tempo longo do acontecimento num tempo curto e denso: o do advento estético” (2015, p. 53). Observar este tempo que se transforma em objeto estético, sem desconsiderar o lugar de análise, exige, por outro ângulo, um olhar antes de etnólogo que de turista, nas palavras de Augé (2010): “O que difere verdadeiramente o etnólogo do turista é, sobretudo, seu método: a observação sistemática, solitária e prolongada”. (2010, p.74)

Em relação ao objeto de nosso interesse, as bicicletas e o cicloturismo, tratam-se de fenômeno relativamente recentes. Cavallari (2012), por exemplo, pontua a bicicleta foi inventada na aurora do século 19, mais especificamente em 1817, na Alemanha, pelo barão Karl von Drais – chamava-se, o invento, inicialmente, *laufmaschine*, ou máquina de correr. Estamos falando de uma estrutura de madeira de 22 quilos, sem pedais, que, mais tarde, quando de sua patente, seria chamada de “velocípede”; mas, popularmente, *draisienne*, em referência ao seu inventor.

Schetino (2010), por sua vez, afirma que foram os irmãos franceses Pierre e Ernest Michaux, em 1861, quem aperfeiçoaram a invenção, fixando nela, junto às rodas dianteiras, pedais. O nome *bicyclette* foi dado pela empresa inglesa *Tangent and Coventry Tricycle Company*, em 1880. A máquina inovava, e ainda estamos dialogando com

Schetino (2010), à medida que sua tração era feita por correntes acionadas pelos pedais, e não mais por estes estando fixos na roda dianteira.

Se considerarmos, ainda de acordo com Cavallari (2012), que, em 12 de junho de 1817, quando do primeiro invento, Drais pedalou 13 quilômetros na cidade de Mannheim, pode-se pensar, quem sabe, que foi o primeiro “ciclopasseio”. Um pouco mais tarde, a mesma fonte lembra que o jornal *The Times*, da Inglaterra, publica reportagem contando aquela que seria a primeira ciclovagem, ainda que esta nomenclatura não existisse à época: 84,8 quilômetros do Centro de Londres até Brighton, feito realizado por John Mayall, Charles Spencer e Rowley Turner.

Muitas outras ciclovagens viriam a ocorrer desde então. Em nível de Brasil, Schetino (2010) salienta que a bicicleta, como uma ideia de modernidade, cumpriu importante papel na transição dos séculos 19 para o 20, à medida que passou a representar uma prática esportiva, portanto cultural, ligada à modernidade, desde então amplamente difundida na França, país que servia de modelo ao Brasil neste aspecto. Não se tem, no entanto, salvo relatos dando conta de seu uso para passeios breves ou esportivos, nenhum registro mais consistente das primeiras ciclovagens por estes lados.

Dito isso, e para dar conta de nosso propósito metodologicamente, iniciaremos observando o que compreendemos por circulação midiática. A visada é importante para que possamos compreender, mais adiante, como se estabelecem os sentidos que emergem da geração de diferenças entre gramáticas de produção e reconhecimento nas narrativas de bicicleta. O próximo passo será a análise de alguns modelos de narrativas; nelas, das operações linguísticas deixadas em suas superfícies como indicativos da presença de camadas mais profundas de significação. Ou seja, da forma como a midiatização afeta as narrativas de bicicleta, midiatizando-as.

2. Um problema de circulação

Uma estratégia possível para compreendermos como a processualidade da midiatização afeta as narrativas de bicicleta é assumirmos, desde agora, que estamos diante de um problema de circulação. Ou seja, de reconfigurações que se estabelecem no âmbito dos dispositivos midiáticos – livros, sites, redes sociais etc. – quando se vêm atravessa-

dos por circuitos múltiplos. Defendemos que, quando isso ocorre, criam-se zonas intermediárias de circulação (ZIC's), ou, simplesmente zonas de contato, ambiências intermediárias (FAUSTO NETO, 2010) em que as gramáticas de produção e reconhecimento são tensionadas. Ou, em palavras mais simples, ainda, onde se complexificam os papéis de emissão e recepção e onde os jornalistas-aventureiros podem interferir processualmente em suas narrativas graças às transformações que se verificam na geografia do sistema em que se inserem.

É preciso, portanto, delimitar o que entendemos por circulação. Conforme discorremos em outro momento (SOSTER, 2016), e sem nos alongarmos mais que o necessário no assunto, pensar a circulação nos moldes que estamos propondo, sistêmicos, é distinto de fazê-lo em uma perspectiva jornalística. No primeiro caso, estamos diante de um “espaço gerador de potencialidades” (FAUSTO NETO, 2010); no segundo, do percurso existente entre uma instância e outra de determinados processos produtivos.

Ou seja, a circulação jornalística diz respeito à forma como as informações se deslocam quando são veiculadas em dispositivos jornalísticos (ZAGO, 2012; MACHADO, 2008; RABAÇA, BARBOSA, 1995), independente de sua natureza, até alcançarem a quem se destinam. “Não há dúvida que não se pode pensar o jornalismo sem a circulação, assim como não se pode resumir esta instância à forma como as informações de natureza jornalística transitam” (SOSTER, 2016, p. 9), resumindo-se a circulação a uma espécie de “zona automática” (FAUSTO NETO, 2010).

Se pensarmos, portanto, a circulação como espaço de potencialidade, ainda no diálogo com Fausto Neto (2010), podemos, quem sabe, observá-la, antes, como dispositivo que meio ou mesmo mensagem. É o que Jairo Ferreira vai chamar de “um lugar de inscrição” capaz de se transformar ele próprio em “operador de novas condições de produção” (FERREIRA, 2013, p. 147).

Isso posto, ao pensarmos a circulação, o que temos, então, mais que intervalo, ou lugar de passagem, é um espaço de possibilidades, nas palavras de Braga (2012); ou, ainda, “(...) instância em que processos de enunciação, portanto de sentidos, têm lugar” (SOSTER, 2016, p. 11), em decorrência de sua natureza complexa, não linear.

3. Circuitos Informacionais

Vejam, agora o que são circuitos informacionais. A delimitação é necessária, uma vez mais, porque são os atravessamentos e interposições provocados pela presença de circuitos informacionais na relação entre 1) dispositivos e sistema; 2) dispositivos, meio e sistemas; e, finalmente, 3) dispositivos, meio, sistemas e demais sistemas que nos permitirão compreender, mais adiante, como se estabelecem as zonas intermediárias de circulação. E, com elas, as afetações que a processualidade da mediação provoca nas narrativas de bicicleta, objeto de nossa reflexão.

Pensar em uma sociedade assentada antes em fluxos informacionais que na perspectiva de campo, sem, evidentemente, excluí-lo do cenário analítico, tem a ver com considerarmos que, com a mediação, “(...) os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são atravessados por circuitos diversos”. (BRAGA, 2012, p. 15). Estes atravessamentos não apenas interferem em todos os setores da sociedade (dispositivos, sistemas e meio) como reconfiguram gramáticas:

O fato de que os circuitos em desenvolvimento tenham a tendência assinalada – de “atravessar” os campos sociais estabelecidos – mesmo quando o ponto de origem de um circuito é um desses campos (...), leva a uma espécie de “recontextualização”. As referências habituais se encontram deslocadas ou complementadas por referências menos habituais – fazendo com que os próprios circuitos em desenvolvimento elaborem e explicitem os contextos requeridos para atribuição de sentidos aos produtos e falas que circulam. (BRAGA, 2012, p. 49)

Essa recontextualização a que se refere Braga (2012) pode ser percebida, no objeto analisado, pelo viés análise de marcas linguísticas deixadas ao longo da produção discursiva. Ou seja, pela interferência da circulação na linguagem, que se daria por duas operações, a saber:

(...) a primeira trata-se da exteriorização do dizível em forma, na condição de textos presos a lógicas e gramáticas. E a segun-

da, que se constitui numa operação que se dá em um âmbito de determinado processo circulatório, quando põe em marcha a atividade significativa da qual emergem as regras através das quais a linguagem se transforma em atividade geradora de discursividade. (FAUSTO NETO, 2013, p. 50)

Observemos, agora, graficamente, como se dá a formação das zonas intermediárias de circulação, as ZICs . Isso para que tenhamos condições de, finalmente, refletir sobre a maneira por meio da qual a midiatização afeta as narrativas de bicicleta.

4. Zonas intermediárias

No gráfico abaixo, as ZICs são representadas pelos círculos em azul gradiente, pontilhados. Observe-se que elas se formam tanto nos

1) atravessamentos e interposições que se verificam nas operações internas dos dispositivos (livros, jornais, revistas, sites etc.) a partir da presença, neles, de circuitos informacionais,

como,

2) no sistema como um todo (círculo central).

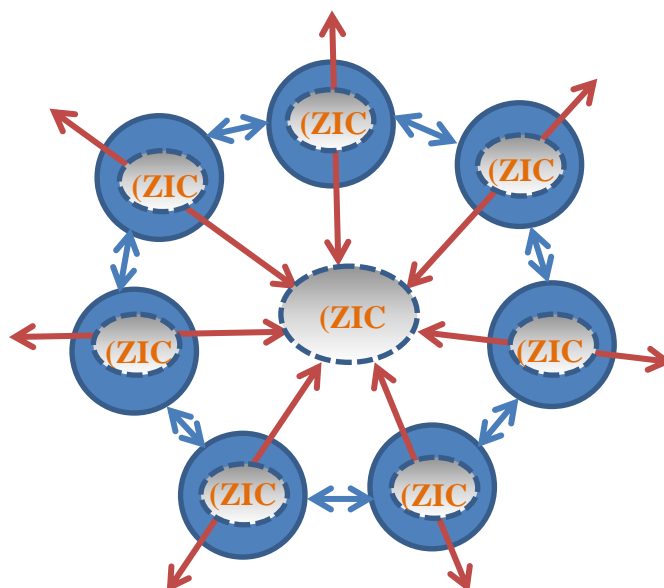
Isso se dá dessa forma porque os sistemas são formados, como dito, pelos dispositivos, e não podem ser pensados sem estes, mas os dispositivos não resumem, em essência, o sistema como um todo (BERTALANFY, 2013), ainda que o sistema não exista sem eles, de tal maneira que pensar em um implica necessariamente levar o outro em consideração, relacionalmente.

Também importa observar que, no exemplo, os sites, redes sociais, jornais, rádios, revistas, editoras e televisões que integram o sistema midiático em seus aspectos organizacional ou institucional são representados pelos círculos azuis. São dispositivos à medida que instituem interações que considerem, a um tempo, aspectos tecnológicos (as máquinas, por exemplo), relações sociais (as redações; mas, também, as interações que se dão entre estas e os leitores/audiouvintes) e, finalmente, um sistema de represen-

tações (os códigos utilizados nos processos de enunciação, à revelia de sua natureza) (FERREIRA, 2006, 2013, 2016).

As setas em vermelho representam os circuitos múltiplos que atravessa tanto dispositivos como sistemas, interferindo no que é da ordem de um como de outro. As setas em azul, por fim, marcam os diálogos correferenciais, uma das características do jornalismo midiaticizado² (SOSTER, 2009). Graficamente, então, temos o seguinte cenário:

Gráfico 1 – A formação das ZICs



Fonte – Elaboração do autor

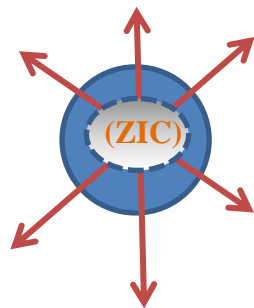
O gráfico acima é importante porque, não obstante carregar consigo todas as limitações inerentes à representação imagética de um fenômeno complexo e de contornos pouco visíveis, portanto, permite-nos compreender um pouco melhor como se formam processualmente as ZICs e como elas interferem tanto no sistema como em seus dispositivos. As ZICs se tornam visíveis, por assim dizer, quando informações que circulam pela internet “invadem” os dispositivos e acabam por interferir na processualidade destes. Não se trata de um movimento de autorreferência ou mesmo acoplamento estrutural,

² As demais características são autorreferência, descentralização, dialogia e atorização.

portanto sistêmicos, provocados, em essência, pela irritação, mas de atravessamentos não autorizados que acabam interferindo na estrutura interna do dispositivos e do sistema como um todo.

O gráfico 2, ao particularizar a criação da ZIC no âmbito do dispositivo, permite-nos observar melhor como isso se dá. O círculo azul é o dispositivo tanto em seus aspectos organizacionais como instituições. No caso de um site, por exemplo, é o site em se, e o que representa, mas, também, os processos produtivos que permitam que ele seja reconhecido, ao fim, como tal. As setas vermelhas, por sua vez, são os circuitos informacionais. Eles podem ser tanto uma informação que é postada em uma rede social e que “viraliza” como algo que é dito em uma entrevista que, por um motivo outro, foi repercutida por alguém via twitter, ou facebook, por exemplo. Importa observar que, ao fazê-lo, como dissemos, interfere da dinâmica operacional interna do dispositivo, o que é visível por meio de marcas textuais.

Gráfico 2 – Formação das ZICs no interior do dispositivo



Fonte: elaboração do autor

É chegado, agora, o momento de observarmos a perspectiva a partir daquelas que estamos chamando de narrativas de bicicleta.

5. Narrativas de bicicleta

Um primeiro exemplo de como a processualidade da midiaticização afeta as narrativas de bicicleta pode ser observado por meio do projeto “Turismo pé-de-chinelo: porque pobre também precisa viajar”, mantido pelos cicloturistas Luíd e Stefane Monsores, da

Vassouras, Rio de Janeiro. O projeto nasceu³ da vontade de se aventurarem, mas foi determinado em termos de forma – cicloturismo – tanto pelos custos baixos de uma viagem de bicicleta como por relatos lidos em sites cicloturísticos:

Já tínhamos a vontade de compartilhar um pouco de nossas viagens baixa-renda há algum tempo, mas essa idéia nasceu oficialmente no nosso coração quando estávamos planejando uma viagem de moto por alguns estados do Brasil. Depois de pesquisar muito sobre dicas de como viajar barato, acabamos caindo em **uns sites super interessantes** de uns doidos pessoas um pouco fora do comum, que viajavam de bicicleta, chegando a sair do país, do continente e até mesmo a dar a volta ao mundo em cima do pedal (what???) . As ótimas leituras das aventuras desses ciclo-viajantes e somando ao fato da gasolina e pedágios estarem cada vez mais caros, o que acaba sendo um grande problema, nos fizeram então adiar a viagem de motoca e despertaram em nós a lembrança de um antigo sonho, que era o de sair pedalando por aí.

Por meio dos relatos sistemáticos que realizavam em seus blog e redes sociais (facebook, instagram e youtube, principalmente), Luid e Stefane não apenas descreveram seus preparativos às ciclovias como publicizaram os mesmos até a realização. Inseriram, dessa maneira, o que era para ser simples viagem de bicicleta na discursividade midiática, midiaticizando suas próprias narrativas. As imagens 1 e 2, abaixo, ilustram o que estamos afirmando:

Imagem 1 – Preparativos à viagem



³ Disponível em: <http://turismopedechinelo.blogspot.com.br/2015/08/turismo-pe-de-chinelo.html#more>

Fonte: <http://turismopedechinelo.blogspot.com.br>

Imagem 2 – Apresentando canal no youtube e objetivo da viagem



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-laGsGgPPJY>

À medida que o projeto “Turismo pé-de-chinelo: (...)” evoluía, foi se concentrando, gradativamente, na produção de vídeos para o youtube. A identidade visual – nome, logomarca etc. – permaneceram os mesmos, mas a linguagem passou a ser exclusivamente audiovisual. É o que demonstra o vídeo abaixo, no Uruguai.

Imagem 4 – Prioridade para o Yotube



Fonte: Youtube

A presença de circuitos informacionais reconfigurando as narrativas pode ser notada, por exemplo, em janeiro de 2017, quando uma informação veiculada inicialmente pelo facebook não apenas se interpôs no filme que viria a ser veiculado aquele dia como reconfigurou seu conteúdo. O objetivo do dia era visitar, na ordem, o Jardim Japonês, o planetário e os bosques de Palermo, mas a meta ficou em segundo plano.

Na Imagem 5, Luid e Stefanie relatam, do interior de uma casa onde estavam hospedados na Argentina, que um post⁴ veiculado no facebook por um cicloturista desde o Brasil, sobre a importância de se ter onde dormir durante ciclovias, havia servido de mote para o comentário do dia.

Os cicloviantes fazem referência, no vídeo⁵, ao texto do facebook, lêem seu conteúdo, tecem comentários a respeito da importância de serviços de hospedagem como o Warmshower⁶ e, finalmente o mostram o post na tela, como podemos observar nas imagens 6 e 7, ficando o que estava previsto para aquele dia, como dissemos, em segundo plano.

Imagem 5 – narrativas reconfiguradas



Fonte: Youtube

⁴ Disponível em: [<https://www.facebook.com/dsoster.jor/posts/10155201953529260>] Acesso em: [15 de julho de 2017]

⁵ Disponível em: [<https://www.youtube.com/watch?v=lemHD-c8dis&feature=youtu.be>]. Acesso em: [15 de junho de 2017]

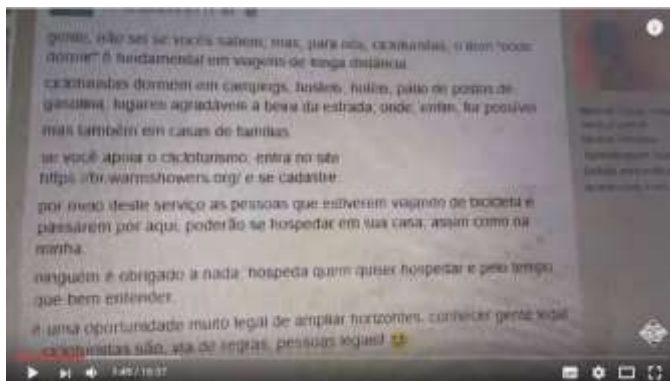
⁶ <https://br.warmshowers.org/>

Imagem 6 – Post de cicloturista no Facebook



Fonte: Facebook

Imagem 7 – Imagem do facebook no youtube



Fonte: Youtube

À medida que a cicloturagem se aproximava de seu final, já em território argentino, as narrativas de Luid e Stefane começaram a mudar de tom. Ou seja, ao invés de descrever, de forma autorreferencial, o que estava vivendo em seu dia a dia, como fizeram até então, o objetivo passou a ser a produção de conteúdos para o dispositivo youtube.

Isso pode ser constatado quando gravam um vídeo dizendo que aderiram a um site de financiamento coletivo⁷ (Imagem 3) para viabilizar financeiramente a próxima viagem e, ato contínuo, dizem textualmente, nas imagens e no texto de apoio, que a ideia, agora, é, antes, fazer filmes que viajar.

Imagem 3 – Financiamento Coletivo



Fonte: Apoia.se

O excerto em que explicitam seus novos propósitos (o grifo é nosso):

Nosso objetivo é mostrar a vida de uma forma mais leve, e assim, incentivar as pessoas a serem felizes. Queremos levar entretenimento e diversão para as famílias de forma simples e descontraída e **futuramente conseguir independência financeira, para que assim possamos dedicar a maior parte do nosso tempo de trabalho para produzir conteúdo para vocês no canal do youtube**⁸.

Se lembrarmos do início da aventura, descrita no blog do projeto, a ideia inicial, inspirada pelo relato de outros cicloturistas, era “sair por aí” de forma autossuficiente e com baixo custo. Três meses depois, transformou-se em produção de conteúdo para a internet, via youtube.

⁷ <https://www.apoia.se/tpc>

⁸ Disponível em: [<https://www.apoia.se/tpc>] Acesso em [15 de julho de 2017]

Um segundo exemplo de como a processualidade da midiatização afeta as narrativas de bicicleta, midiatizando-as, pode ser observado no projeto “Mochila & Bike”⁹, de Aldo Lammel. Trata-se, o projeto, de uma volta ao mundo que Lammel, um publicitário gaúcho da cidade de Charquedas, especializado em comunicação digital – autodefinido, em seu site, como “produtor audiovisual, aventureiro, roteirista, escritor, cicloativista e músico”, está realizando de bicicleta ao redor do mundo desde janeiro de 2015. O “Mochila & Bike” nasce, igualmente, da vontade do escritor-viajante de viajar pelo mundo de bicicleta, mas, também, de relatar suas aventuras, o que faz por meio das mais diferentes plataformas: Youtube¹⁰, Facebook¹¹, livro digital¹², site¹³, twitter¹⁴, Instagram¹⁵, vlog¹⁶ etc.

A diferença, comparada com o exemplo anterior, é que o projeto “Mochila & Bike” nasce midiatizado. Ou seja, foi concebido, desde o início, como uma cicloturagem que seria registrada tendo a internet como plataforma-base. O projeto foi desenvolvido durante 15 meses, período em que Lammel cuidou de registrar seus movimentos e publicizá-los à medida que se realizavam, conforme demonstra a imagem 4:

Imagem 4 – Desligamento do emprego



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LkLV6YKOUSE>

⁹ <http://mochilaebike.org/>

¹⁰ https://www.youtube.com/channel/UCjK_6o4JAwe7EcX7Rl26kqA

¹¹ https://www.facebook.com/avlammel?ref=br_rs

¹² <https://medium.com/mochilaebike-fotos/livro-de-fotografias-7c475fd25e36>

¹³ <http://mochilaebike.org/sobre.php>

¹⁴ <http://twitter.com/aldolammel>

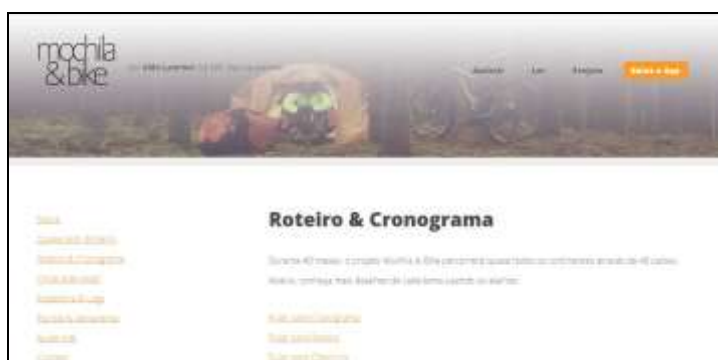
¹⁵ <http://instagram.com/aldolammel>

¹⁶ <https://www.youtube.com/playlist?list=PLseCxr4VP0lnJ9FLq42peGW5BSBOC6oW>

Nela, um mês depois de ter tomado a decisão de realizar uma cicloturagem pelo mundo, Lammel grava um vídeo no youtube dizendo que se desligara do emprego; mas adiante, que terminara seu relacionamento.

A Imagem 5 registra todo o roteiro e programa da cicloturagem:

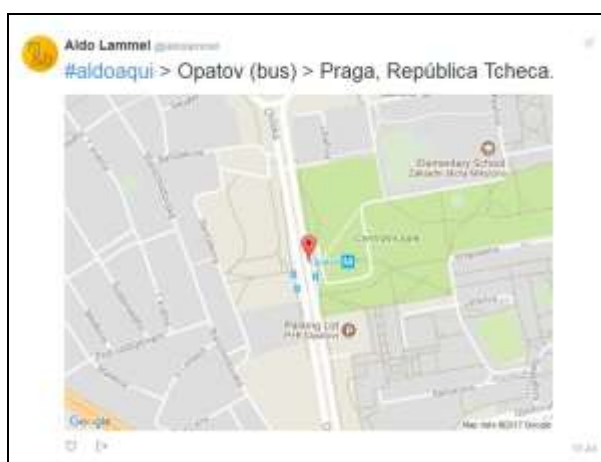
Imagem 5 – Site com etapas da viagem



Fonte: <http://mochilaebike.org/roteiro-e-cronograma.php>

Além de informações sobre a viagem, o site fornece um serviço de geolocalização – Swarm APP¹⁷ em que torna possível saber a localização exata no momento em que se acessa o site. No momento em que este artigo estava sendo escrito, por exemplo, Lammel se encontrava na República Tcheca, conforme demonstra a Imagem 6:

Imagem 6 – Geolocalização via APP



Fonte: <http://mochilaebike.org/roteiro-e-cronograma.php>

¹⁷ <https://www.swarmapp.com/>

À medida que a viagem avançava, aos relatos em filme identificados pela tag “Manual”, Lammel compartilha, via youtube, o que chama de “suas experiências para executar tarefas, conseguir algo ou vencer desafios em prol de uma viagem mais econômica, longa, cultural e divertida”¹⁸. É o que se observa na imagem 7.

Imagem 7: dialogando via Youtube



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=I4nXN_P9xKs

Na imagem 8, em La Paz, na Bolívia, Lammel afirma, aos 5’34 de gravação, que é a primeira vez que fará um relato de improviso, sem edição.

Imagem 8 – Relatos não planejados



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qeXII-AalFE>

¹⁸ Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=I4nXN_P9xKs] Acesso em: [17 de julho de 2017]

Com o passar do tempo, os movimentos voltam-se com cada vez mais frequência para inserção da cicloturismo à discursividade midiática por meio da oferta de novas tecnologias. Ou seja, passam a oferecer novas formas de acesso aos que com ele dialogam. É o que se observa, por exemplo, quando, em sua página no Facebook¹⁹, anuncia a criação de um aplicativo (APP):

É OFICIAL - AGORA TEMOS NOSSO PRÓPRIO APP!
Agora você pode acompanhar todos os conteúdos da volta ao mundo de uma forma muito mais rápida pelo celular: vlog, websérie, diário, manual, roteiro, estatísticas e nossas redes sociais 😊:)

Vale lembrar que tudo aqui é independente e ainda não colocamos nosso app na Google Play por ser caro para nós (US\$25/anual), mas ainda assim você pode baixar direto do nosso site e instalar com segurança. Versão para iPhone e iPad, em breve.

Baixe o App: <http://mochilaebike.org>²⁰

Ou, ainda, quando promove pesquisa²¹ (Imagem 9) para saber quantos cicloturistas, ao redor do mundo, estão viajando tendo como inspiração sua experiência:

Imagem 9 – Interatividade



Fonte: Google docs

¹⁹ https://www.facebook.com/avlammel?ref=br_rs

²⁰ Disponível em: [<https://www.facebook.com/avlammel/posts/10213514437518750>] Acesso em: [17 de julho de 2017]

²¹ https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSct21X8ALNJRIST25N_3GB0usv5Gln9hs3ro-g7iWPTec1sgw/viewform

Um último exemplo, antes de passarmos às considerações interpretativas, ilustra como a narrativa de viagem protagonizada por Lammel tanto condiciona como está condicionada às inferências da discursividade midiática. No post realizado em sua página do Facebook²² dia 26 de maio de 2016, o cicloviajante informa aos que estão lhe acompanhando que ficará em silêncio por alguns dias porque quer estar a só com sua namorada, Verônica, uma garota que conheceu durante sua passagem pelo Leste europeu e por quem se apaixonou.

Tudo o que peço a quem me acompanha desde 2015 quando pus meu apartamento pra alugar e fui pra estrada e a quem passará a me fazer companhia desde agora, peço que respeite meu momento de estar quietinho em Praga com a minha flor antes de termos de dizer adeus um para o outro pra seguirmos sonhos em direções opostas por vivermos momentos de vida tão diferentes. A vida não é preto no branco como regras escritas num manual para amadores, as histórias são complexas e com infinitas perspectivas. **Usufrua de tudo o que compartilho no Youtube, Facebook e em meus livros gratuitos no Medium** (grifo nosso) que te prometo que vc encontrará novas possibilidades bem diante dos teus olhos, sem mágica ou romantismo em excesso.

Imagem 10 – Em Praga, com a namorada



Fonte: arquivo pessoal

Passemos agora às considerações interpretativas.

²² <https://www.facebook.com/avlammel>

6. Considerações interpretativas

Pensar as narrativas de bicicleta a partir das reflexões aqui propostas implica considerar a midiaticização, nas palavras de Gomes (2017), como chave de compreensão e interpretação hermenêutica da realidade. “A sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais. Por isso, é possível falar da mídia como um locus de compreensão da sociedade.” (GOMES, 2017, p. 78). Ou, por outras palavras, que estamos diante de um fenômeno que reflete, em essência, o tempo de mundo em que estamos vivendo, e onde não se pode pensar a ação do homem sem considerar, na visada, a relação deste com o aparato tecnológico que o cerca, compreendida a relação como processo interacional de referência.

Ocorre que este alargamento a que Gomes (2017) se refere, conforme já apontamos em outros momentos (SOSTER, 2009), tensiona substancialmente noções secularmente instituídas, como a de campo, solicitando novas gramáticas interpretativas aos fenômenos que se apresentam. É o que se verifica, por exemplo, quando, à discursividade midiática, agentes “não autorizados” interferem nas gramáticas de produção (emissão) e reconhecimento (recepção) do sistema midiático, sem, no entanto, ocuparem lugares institucionais. Integram-se, dessa forma, àquilo que Ingold (2011) vai chamar, ainda que em outro contexto, de “malha”, em oposição à metáfora de “rede”, largamente utilizada nas discussões de matizes acentuadamente sócio-evolutivos.

A diferença entre “malha” e “rede”, não obstante de a origem de ambos ser próxima, é que “malha” remete antes a um caminho percorrido, enquanto que “rede” a uma forma de transporte. No primeiro caso, é o que emerge do percurso, o que se transforma, o que se constrói: “Cada fio é um modo de vida, e cada nó um lugar”. (2011, p. 224). No segundo, espécie de mapa composto por pontos interconectados.

A chave para esta distinção é o reconhecimento de que as linhas da malha não são conectoras. Elas são o caminho ao longo dos quais a vida é vivida. E é na ligação de linhas, não na conexão de pontos, que a malha é constituída” (INGOLD, 2011, p. 224)

Vale lembrar que, até há bem pouco tempo, quando da sociedade dos meios, os dispositivos que compunham o sistema midiático – rádios, televisões, jornais etc. – eram os grande artífices, do ponto de vista axiomático, da composição disso que Silvestone (2002) chamou, em outro momento, de tessitura da experiência. Um tempo de “meios e mediações”, na categorização seminal de Barbero (2009). À medida que a sociedade se complexifica pela processualidade da midiatização – e a internet ocupa um lugar central nesta discussão, as condições de acesso, no diálogo com Verón (2013), mudam substancialmente, reconfigurando toda uma ecologia comunicacional.

É o que os exemplos analisados neste artigo buscaram demonstrar. Ou seja, mesmo que ambos estejam inseridos em uma lógica discursiva antiga – as narrativas de viagem, e que estas se vinculem seminalmente a um determinado formato de jornalismo, a geografia do ambiente em que seus autores se inserem dispensa mediações. Melhor dizendo, dispositivos como tablets, smartphones e computadores, aliados às facilidades de acesso à rede e à usabilidade do sistema, não tornam mais imperativa a presença de uma organização, ou mesmo instituição, e seus agentes, para a oferta de sentidos, ainda que sigam existindo.

Com isso, Luid e Stefane Monsores, Aldo Lammel, e tantos outros cicloturistas passam a tecer, por meio de seus relatos, não a rede, mas a malha da discursividade midiática, transformando e sendo transformado neste percurso. “À medida que os dispositivos da web permitem aos usuários produzirem conteúdos, e tendo em conta, também, que os usuários têm controle do *switch* entre o privado e o público, podemos ter uma ideia da complexidade e das mudanças em curso²³”. (VERON, 2013, p. 282) Compreender o que estas transformações representam, portanto, é o desafio que nos apresenta.

²³ No original: “En la medida que el dispositivo de la Red permite a los usuarios producir contenidos, y teniendo en cuenta, además, que por primera vez los usuarios tienen el control de un *switch* entre lo privado y lo público, podemos empezar a hacernos una idea de la complejidad y la profundidad e los cambios em curso”. (VERON, 2013, p. 282)

Referências

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Alagoas: Edufal-Unesp, 2010.

BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JÚNIOR, Jader; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda. **Mediatização & midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

CAVALLARI, Guilherme. **Manual e Mountain Bike & Cicloturismo: conceitos, equipamentos e técnicas**. São Paulo: Kalapalo Editora, 2012.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FAUSTO NETO, Antonio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?. In: BRAGA, José Luiz (Org.) ; FERREIRA, Jairo (Org.) ; FAUSTO NETO, Antonio (Org.) ; GOMES, Pedro Gilberto (Org.) . **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 43p .

FAUSTO NETO, Antonio. Midiatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. In: **Mediatização e Midiatização: livro Compós 2012**. MATTOS, Maria Ângela; JUNIOR, Jeder Janotii; JACKS, Nilda. (Org.) Salvador-Brasília: EDUFBA-Compós, 2012

FAUSTO, Antonio. As bordas da circulação. In: **Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina**. Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Anais... Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010.

FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 182 p.

GOMES, Pedro. **Dos meios à mediação: um conceito em evolução**. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2017.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MACHADO, E. **Sistemas de circulação no ciberjornalismo.** Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 21-37, 2008.

MARTIN-BARBERTO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRj, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Narrativas de viagem:** escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. Intercom – RBCC. São Paulo, v. 35, n. I, p. 34-52, jan./jun. 2012.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem** – poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SCHETINO, André Maia. **Pedalandando na modernidade:** a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. (e-book)

SILVESTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOSTER, D. A. **A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador.** Signa (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.

_____. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos.** São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

VERÓN, Eliseo. **Teoria da midiaticização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências.** Revista Matrizes. São Paulo – Brasil. V.8 – nº 1. p. 13-10. Jan/jun. 2014.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis 2:** ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido.** São Paulo: Cultrix, 1980.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Circulação jornalística potencializada:** o twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. C&S – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 249-271, jul./dez. 2012.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
ECA/USP – São Paulo – Novembro de 2017
